

Lendas e Histórias da Nossa Terra



Nesta edição

2 — Editorial

3 e 4 — Lima Barreto
Jason Tércio

5 e 6 — Sexualidade e a Moda Portuguesa
Paulo Bertran

7 e 8 — Mito Indígena
Manoel Rodrigues

9, 10 e 11 — Formoso de Minas
Xico Mendes

12 — Música Popular
Renato Vivacqua

13 e 14 — A Elite Dirigente
Corsino Medeiros

15 e 16 — Canudos
Cyl Gallindo

17 — Poesias

18 — Literatura
Orlando Tejo

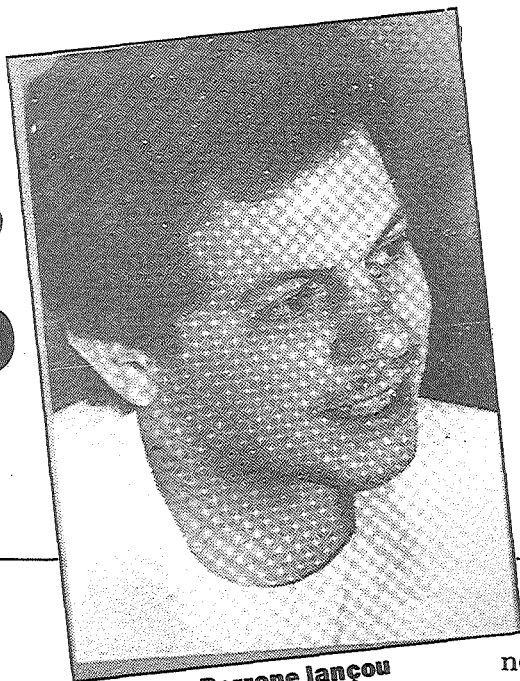
19 — Cartas

20 — Contracapa

Perrone

Escritor das coisas e do tempo

□ Orlando Tejo



Perrone lançou um conjunto de obras: poesia, conto e teatro

*"Por ora chove em mim
E chove ainda
na tarde transparente".*

M. Perrone

Marcelo Perrone me comove e chove em mim a chuva nova do esforço literário com a qual a gente se molha de bom grado. Chega-se a pensar que a poesia anda carcomida, com o desaparecimento físico de alguns dos nossos poetas; que os contos, as novelas, os romances etc., com a perseguição de todas as mazelas econômicas, políticas, sociais, que se abatem inexoráveis sobre nós escrivinhadores e sobre nossos leitores, estariam a escassear, em processo terminal e até se chega a pensar que os palcos podem quedar estéreis, por falta mesmo de quem registre o ato último de sua tragédia.

Ledo engano, ainda bem! Por isso, a comoção e a emoção de ler Perrone em sua última incursão naqueles campos. Ele é um digno fingidor (no sentido de definição de Fernando Pessoa para o poeta), tanto quanto nos brinda em seus contos e em suas peças com o talento dos melhores prosadores nossos e dos mais destacados dramaturgos. Vai de um a outros campos pertinentemente. Marcando sua presença literária com o bom gosto do estilo refinado, mas desprovido do ar conservador que muita vez impregna tristemente os trabalhos de alguns amigos

literatos, de nomes feitos e refeitos.

Sua perplexidade pequenoburguesa parece significar como que uma tentativa (bem-sucedida) de resgate sócio-cultural, profundamente perpassada pela dimensão política inevitável, de uma classe média cuja importância nessas áreas está a merecer, há muito, estudos mais aprofundados de nossos analistas. Mas, evidentemente, não entrarei aqui



nesse mérito. Não cabe o espaço e menos é a mim cabível que me arvore em tal mister. Apenas comento, com humildade, de passagem, na esperança de poder surtir o efeito da provocação frutífera. É que o fato da emoção decorrente da leitura de Perrone me parece o atingimento do objetivo primeiro da obra literária, qual seja, o de propiciar a volta, o regresso interior de nossas almas desesperadas, em busca da essência da harmonização do ser humano.

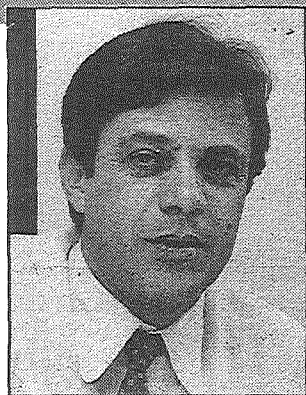
Comovo-me com Perrone, ao acompanhar a luta tremenda, expressa na angústia quase edipiana de Altamiro, para viver e morrer em paz com suas Rosas, em seu conto de abertura, que, sem demérito dos demais, vasculha com precisão as profundidades ignotas das almas prenes do sofrer, a amargar uma espécie de fado dolorido e doloroso — o que empresta o toque básico da universalidade à personagem.

Igualmente me comovo com o sentido tanático de suas peças, a tangenciarem o espírito de Ionesco, pelos toques de quase absurdo, com que nos colocam diante do eterno enigma da morte.

□ Orlando Tejo é jornalista e escritor

Em tom menor

No último dia 9 de dezembro de 1993 foi lançado no mezanino do edifício da OAB — DF, o livro **EM TOM MENOR**, de quadrinhas e haicais, do escritor e magistrado Romeu Jobim. O escritor, membro da Academia de Letras do Brasil e da Associação Nacional de Escritores — ANE, foi recentemente premiado no concurso nacional de haicais, realizado no Rio de Janeiro. O haikai é uma poesia japonesa, cuja forma poética mínima traz de suas origens uma natureza alusiva à vocação das sutilezas e das meias-tintas. A quadrinha, outra composição minúscula, molda-se melhor a um lirismo, voltado para o afetivo e o brejeiro. Numa e noutra forma, Jobim realiza, com segurança, a síntese dessas naturezas poéticas. O escritor e magistrado, acreano, pioneiro em Brasília, formado em Filosofia e Direito no Rio de Janeiro, já participou de várias coletâneas. Há três anos, Jobim lançou o livro de crônicas **BOA TARDE, EXCELÊNCIA**. O recente evento, bastante concorrido, contou com a presença de inúmeras personalidades e escritores da cidade. O livro **EM TOM MENOR**, bastante elogiado, é um livro sensível que traduz em seus versos com beleza e simplicidade momentos do nosso cotidiano e nossa vida. O livro está à venda na Livraria Presença.



José Edimar (PSDB)

Lixo reciclável vale Cultura

A popularização das atividades culturais deve ser considerada como o principal caminho para o desenvolvimento artístico de Brasília. Celeiro de grandes nomes nacionais, o Distrito Federal teria grande impulso no campo artístico se adotasse medidas para estimular a presença de público nos espetáculos. Uma solução seria a regulamentação da

Lei 511, de julho de 1993, que cria o Programa de Ressarcimento de Lixo Domiciliar Reciclável.

Por mais incrível que possa parecer, o lixo doméstico pode proporcionar alguns rendimentos para o morador e sua família. A venda de jornais velhos e garrafas vazias é uma prática bastante difundida, principalmente

nas camadas mais carentes. Consiste, no fundo, na execução de um procedimento de primeiro mundo, por ser a base da reciclagem do lixo.

A Lei 511, de minha autoria, em fase de regulamentação pela Sematec, permite que o morador receba tíquetes em troca do lixo domiciliar reciclável

(papel, vidro, metal e plástico). A proposta prevê a criação do vale-cultura. Ou seja, o lixo doméstico seria trocado por um tíquete aceito na compra de ingressos culturais. Ganha a população (que amplia sua renda familiar), ganha o meio ambiente (com a reciclagem) e ganha a área cultural (com o aumento de público),